
KALAHARI: POR UMA ESTÉTICA LITERÁRIA*

Eduardo Ribeiro Luna Toledo**

*Uma linguagem poética se apresenta
por meio da criação de novos universos
linguísticos exteriores.*

Os leitores, inclusive aqueles que, porventura, pertençam à esfera literária acadêmica e, ainda, justamente por isso, no universo das análises sistemáticas, não se poderiam furtar à sensação de certa inadequação à leitura do livro *Kalahari*.

O sentimento de inadequação que atinge os receptores de *Kalahari* poderia indicar que Serguilha teria proposto, novamente, uma linguagem poética original, vestida sob o manto de uma estética literária particular. Muito já se disse que o livro oferece uma escrita rebuscada, que se utiliza de um procedimento para o gênero poético surpreendente, o qual poderia afetar a compreensão ou a absorção da *logopeia*. Mas, ao considerar o açúcar dos tempos, quais seriam as obras literárias inovadoras que não tivessem causado e, que aqui podemos constatar, esse singular estranhamento?

Este ensaio visa correlacionar a leitura de *Kalahari* a elementos constituintes do sistema literário, especialmente autor e texto. Ao traçar correspondências com os enunciados criados por Bakhtin, a estética da criação verbal, e a teoria formulada por Guattari Caosmose - um novo paradigma estético, poder-se-ia destacar aspectos contidos na obra, a fim de se afirmar a peculiaridade da linguagem poética e da estética literária. A abordagem do livro deveria ser exposta por um modelo construtivo da arte, intrinsecamente ligado à *poiesis*, em detrimento do aspecto de representação, *mimesis*.

* Recebido em 16.09.2014. Aprovado em: 30.09.2014.

** Poeta, escritor e crítico literário. Têm poemas, contos e ensaios publicados em antologias poéticas e revistas literárias. Ministra seminários de teoria literária na Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais.

Bakhtin teria afirmado que nenhuma significação é isolável, pois os elementos do eixo literário são integrantes indissociáveis da estética artística. Diga-se: elementos indissociáveis, porém distintos. Ao se considerar o autor, revelar-se-ia a função estética-formal do texto. Em *Kalahari*, poder-se-ia dizer que essa função reside na produção de subjetividade ímpar de Serguilha.

Inicialmente, a linguagem poética de *Kalahari* indica uma produção de subjetividade do autor que, tal como presente na música e nas artes plásticas, utiliza-se de referências incorporais. Isto quer dizer que a subjetividade não trabalha apenas no labirinto do inconsciente ou nas relações interpessoais do autor, mas no universo social e linguístico, repleto de sentidos cognitivos, míticos, sensoriais e abstratos. E seria a partir da ruptura com a singularização existencial do autor que certos elementos semióticos ganhariam autonomia pela criação de outros universos de referência.

E como esse processo de ruptura, mencionado acima, poderia ser objeto de criação, em nível de se firmar como um processo de subjetividade poética criadora? Em *Kalahari*, Serguilha abusa da sonoridade das palavras, de significações materiais da imagem e da articulação verbal que engloba elementos significantes (do som e da imagem) em um corpo concreto, ainda que sob uma suposta estrutura caótica. Em outras palavras: o texto catalisa operadores semióticos que contêm consistência. Seria o próprio estranhamento ao sentido do texto que provocaria sua fundação e existência e, por conseguinte, seu aspecto criador, uma autopoiesis.

No que se refere ao texto, o livro consiste em capítulos cujos títulos referem-se a nomes de línguas extintas ou a povos desconhecidos. A obra é repleta de neologismos, por meios dos quais - em primeira impressão, poder-se-ia afirmar, supostamente, uma ininteligibilidade de sua estrutura. Todavia, o sentido do texto poderia ser absorvido tanto pela sonoridade das palavras quanto pela enunciação orgânica de sua unidade. Bakhtin já havia concluído que uma nova estética deveria superar e transpor a língua viva para o interior de outro enunciado concreto, de forma a arquitetar e compor a forma.

Ao tratar de línguas extintas, por exemplo, a linguagem poética poderia sugerir cantos regionais, ritos de populações antepassadas; e as imagens, por um lado, se não passíveis de figuração, por outro, indiscutivelmente, seriam indícios de existência própria. Dessa forma, a mera dinâmica entre palavras, sons e imagens, inevitavelmente, produz questionamento e emoção ao leitor. Como afirmado anteriormente, a referência do texto está direcionada para fora, para um universo exterior, não interno. A linguagem poética não se enquadra na estética modelizada ocidental, fato que agrega valor à obra de Serguilha.

Ora, a estética da linguagem poética preza a dinâmica da linguagem. Isso significa dizer que se adquire valor pela epistemologia, forma de cognição, emoção dos sentidos, criação de nova sintaxe, produção de sonoridade própria, exibição de uma rede de imagens; e, quando um processo estático tenta obstruir o movimento, a nova linguagem poética se reafirma e a estética literária se recria.

Esse processo contínuo de reafirmação da linguagem poética e recriação da estética em *Kalahari* traz à baila um comentário pertinente de Guattari. Segundo o filósofo francês, o Significante teria sido erigido à condição de categoria máxima da linguagem verbal, a ponto de representar uma traduzibilidade geral para todas as formas de discurso, afirmação esta que ignoraria uma dimensão essencial da autopoiese: a estrutura é assombrada por um desejo de eternidade... Todavia, tal como se percebe em *Kalahari*, há uma dimensão suplementar do significante: a alteridade fundada no desequilíbrio de universos linguísticos exteriores, criados pelo texto.

O desequilíbrio de universos linguísticos remete-se à outra abordagem considerada usualmente em *Kalahari*: a referência ao caos. Neste particular, o texto indicaria que o campo semiótico só poderia se recriar caso, de forma infinita, houvesse uma saída para outros universos linguísticos exteriores à modelização estética atual. Um procedimento por meio do qual se poderia promover tal saída seria repensar a noção de caos na função composicional. Em virtude dessa ideia, poder-se-ia dizer que Serguilha trabalha, com maestria, a possibilidade de o caos significar a potencialização de uma linguagem poética infinita, em vez de um fator de dissolução para a estética literária.

A desordem mental da leitura de *Kalahari*, caracterizada pela ausência de contato com o ambiente conhecido, nítida deterioração da realidade e desintegração da subjetividade do leitor; somada a um processo de assimilação inconsciente do ser, por meio dos sentidos humanos, do fluxo de sensações oferecido pelo texto; constituir-se-iam a criação de uma linguagem poética original, sob um paradigma estético, no mínimo, instigante. Em verdade, não somente *Kalahari*, como outros livros de Serguilha requerem profundas análises críticas literárias, haja vista a complexidade de sua linguagem poética e a estética literária em que sua obra se acomoda.

Eduardo Ribeiro Luna Toledo
Juiz de Fora, 17 de julho de 2014.